

▼ Editorial

Aborda a intolerância religiosa em meio à tragédia que assolou o Rio Grande do Sul.....2

Espiritismo arretado



Crédito: Arquivo pessoal.

“Mais uma alma nessa Terra tentando ser melhor hoje do que fui ontem”. Com essa definição, o criador de conteúdo digital Raony Benjamim descreve o seu perfil no Instagram (@espiritismoarretado), que fala de Espiritismo de uma forma atual e na linguagem das redes. Com mais de 11 mil seguidores no Instagram e quase 30 mil no TikTok, Raony aborda assuntos doutrinários com memes, figuras e esquetes, além de interagir com os internautas. Confira, nesta edição, uma entrevista feita com ele.

Páginas 4 e 5

Poesia

Nazaré Laroça, poeta esperantista, nos brinda com uma reflexão sobre como podemos construir céu ou inferno em nossas consciências.

Página 8

A esperança é a última que morre?

Com leveza e profundidade, ao mesmo tempo, as autoras Juliana Nader e Léia da Hora conversam sobre um tema complexo, a fé. É possível aumentá-la? Qual é a sua importância? Como podemos diferenciar fé e esperança? Estes são alguns dos questionamentos propostos e respondidos por elas nesse diálogo.

Página 3



Crédito: Pexels.

Espiritismo e colapso ambiental

A frequência e a intensidade com que as catástrofes ambientais têm ocorrido em todo o mundo chamam a atenção para a urgência da sustentabilidade. Sabemos que a preocupação não é recente, mas as tragédias indicam que não se trata mais de prevenir, mas de tentar recuperar as incontáveis perdas causadas pela ação humana nos ecossistemas. Nesta entrevista, o estudioso Sinuê Neckel Miguel retrata, com contundência e assertividade, os problemas e os desafios ambientais contemporâneos, relacionando-os com o Espiritismo e os espíritas.



Crédito: Reuters.

Páginas 6 e 7

Confira as novidades e participe!

Atividades do IDE-JF

Bazar* Sábado: 9h às 11h30	Grupo Higiene Mental (on-line) Terça-feira: 19h30
Biblioteca Quinta-feira: 19h45 às 21h Sexta-feira: 14h30 às 16h Sábado: 18h45 às 20h	Livraria Segunda-feira: 20h às 21h Terça-feira: 19h às 20h Quarta-feira: 19h às 20h Quinta-feira: 19h às 21h Sexta-feira: 15h às 16h e 18h às 19h Sábado: 19h às 20h Domingo: 9h às 10h
Espiritismo para Crianças e Mocidade Quinta-feira: 20h Domingo: 9h30 às 10h30	Passe – oferecido após a palestra Quinta-feira: 20h Sábado: 19h
Farmácia/CAEC* Terça e sexta-feira: 14h às 17h	
Tratamento Magnético (passe) Sexta-feira: 15h e 18h30	

* Funciona na Avenida Santa Luzia, 40 – Bairro Santa Luzia.

Grupos de Estudos

Obra, Autor	Dirigente	Dia, horário Formato
<i>O Livro dos Espíritos</i> , Allan Kardec	Thereza Cristina	Segunda, 19h-19h45 – <i>On-line</i>
<i>O Livro dos Espíritos</i> , Allan Kardec	João Luiz da Rocha	Segunda, 19h-20h Presencial
<i>O Problema do Ser, do Destino e da Dor</i> , León Denis	Léia da Hora	Segunda, 20h-21h Presencial
<i>Revista Espírita, Ano 1863</i> , Allan Kardec	Ademir Amaral	Sexta, 20h30-21h-30 – <i>On-line</i>

PALESTRAS PÚBLICAS PRESENCIAIS

QUINTA-FEIRA ÀS 20H

SÁBADO ÀS 19H

Venha ouvir a exposição de temas espíritas, tomar passe e colocar o nome de pessoas queridas na vibração.
Traga a família e os amigos!

Tragédia climática e intolerância religiosa

No fim do mês de abril de 2024, o Rio Grande do Sul (RS) entrou em um trágico ciclo de enchentes em várias cidades, levando grande parte do estado a uma situação de devastação inédita em sua história. Apesar das manifestações solidárias de ampla parcela da população brasileira, os eventos serviram também como plataforma para religiosos intolerantes destilarem seus preconceitos.

Houve quem se aproveitou da situação de calamidade para “profetizar” a ira de Deus. Como exemplos, podemos citar uma influenciadora evangélica, que afirmou que o RS é o estado com o maior número de “terreiros de macumba” no Brasil, e um padre gaúcho, o qual ressaltou que o estado é o mais ateu do país e que o RS havia se entregado à bruxaria e ao satanismo.

Assim, associam a tragédia a determinadas crenças ou ao ateísmo, gerando mais ódio contra religiões de matriz africana. A *influencer* citada foi considerada ré pelo Ministério Público de Minas Gerais por suas falas inconstitucionais, e o padre foi denunciado pelo Ministério Público do Rio Grande do Sul, onde atua, por “preconceito religioso”.

Lembremos que, de acordo com os ensinamentos da Doutrina Espírita, devemos respeitar a fé do próximo e a sua liberdade de pensamento, assim como devemos desconfiar de quem se autointitula detentor da verdade divina. Observam os Espíritos que “toda crença é respeitável quando é sincera” e que “escandalizar a crença alheia é faltar com a caridade e golpear a liberdade de pensar” [1]. Em outro texto, os Espíritos nos instruem que: “Se vos disserem: ‘O Cristo está aqui’ não vades, mas, ao contrário, ponde-vos em guarda, porque os falsos profetas serão numerosos” e “Desconfiai daqueles que pretendem ter o único monopólio da verdade!” [2].

[1] *O Livro dos Espíritos*, itens 838 e 839.

[2] *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XXI, item 8.

Diretoria do IDE-JF

Departamento Administrativo: Ademir Amaral e Marco Antônio Corrêa
Departamento de Comunicação: Gabriel Lopes Garcia e Geampierre Araújo
Departamento Doutrinário: Chrystian Barroso Chaves e Myrianceli Jorio
Departamento Editorial: Elisa Marques da Costa e Osvaldo José da Silva Filho
Departamento de Evangelização: Izabela de Paula Gonçalves e Lucas Rieger
Departamento Mediúnico: Emilia M.F.M. Paro e Geraldo L. de O. Marques
Departamento Social, de Promoção e Eventos: Claudia G. Nunes e Janezete Marques

Expediente

O IDEAL é uma publicação mensal do Instituto de Difusão Espírita de Juiz de Fora – Rua Torreões, 210 – Santa Luzia – 36030-040 Juiz de Fora/MG
Tel.: (32) 3234-2500 – divulgacao.idejf@gmail.com
Departamento de Comunicação: Gabriel Lopes Garcia e Geampierre de Barros Araújo
Jornalista Responsável: Allan de Gouvêa Pereira – MTE: 18903/MG
Editoração: Angela Araújo Oliveira
Tiragem: 500 exemplares
Impressão: W Color Indústria Gráfica – Tel.: (32)3313-2050
Os artigos não assinados são de responsabilidade do Departamento de Comunicação do IDE-JF.

Fé e esperança

Juliana Nader e Léia da Hora

Juliana: Quem aí já ouviu uma música do Rappa chamada “Anjos (pra quem tem fé)”?

A letra começa assim:

“Em algum lugar, pra relaxar
Eu vou pedir pros anjos cantarem por mim
Pra quem tem fé, a vida nunca tem fim
Não tem fim, é

Se você não aceita o conselho, te respeito
Resolveu seguir, ir atrás, cara e coragem
Só que você sai em desvantagem
Se você não tem fé
Se você não tem fé”

Gosto muito da letra e da música, muito embora tenha algumas considerações a fazer em razão do que aprendi com o Espiritismo... Por exemplo: a vida, de fato, é eterna, e, exatamente por isso, com fé, ou sem ela, a vida nunca tem fim! Acreditando ou não, a vida segue seu curso.

De todo modo, é inegável que quem não tem fé sai mesmo em desvantagem...

A fé é tão importante em nossas vidas e é uma potência tão grande que o próprio Jesus nos disse que se a tivéssemos do tamanho de um grão de mostarda, seríamos capazes de transportar montanhas...

Eis, então, que surge uma pergunta:

É possível aumentar nossa fé? Se sim, como fazemos isso?

Por que será que Jesus falou de fé, mas não de esperança naquele momento? Será que Jesus não colocou em medida a esperança porque ela seria inerente a todo ser humano? A fé, desenvolvemos e a esperança, possuímos?

Afinal, fé e esperança são a mesma coisa? Seriam elas faces de uma mesma moeda?

Ou que uma é “mãe” da outra?

E a esperança é mesmo a última que morre?

Fico aqui pensando em tantas coisas... Ah... Vou querer ouvir a nossa querida Léia sobre isso também.

Léia da Hora, cadê você? Me ajuda aqui?!

Léia: Alô, Juliana querida, estou aqui, matutando sobre os seus questionamentos. Ainda outro dia, estava eu a buscar um tema inspirador para falar para o público do Tratamento Magnético[1] e me deparei com a sugestão do Emmanuel, (*Vinha de Luz*, capítulo 75).

No segundo parágrafo do capítulo, Emmanuel faz alusão aos dois tópicos abordados por você:

“Nem todos conseguem, por enquanto, o voo sublime da fé, mas a força da esperança é tesouro comum”.

Com isso, ele estaria a dizer que a fé é conquista da razão, e a esperança, todos a possuem?

Juliana, querida, a questão da fé é tão abrangente. Veja você, as montanhas que a fé pode transportar: dificuldades, resistências, má vontade, preconceitos, interesse material, egoísmo, cegueira do fanatismo, paixões orgulhosas, e assim vai. Isso porque a fé é uma força íntima que multiplica a disposição, dispõe ao Espírito uma energia dinâmica a atuar nas várias capacidades, tornando-o robusto.

Por outro lado, a fé também é calma. Porque coloca em movimento a paciência que sabe esperar em ação, porque, sendo inteligente, se apoia na compreensão das coisas e na preparação, não só do Espírito como na execução dos objetivos que se tem em vista.

Aqui chegamos ao ponto máximo da fé, o raciocínio e a lógica. Ela dá uma espécie de lucidez que permite que se veja, em pensamento, a meta que se quer alcançar e, não só isso, mas os meios de chegar lá. A fé não é um estado de ociosidade, mesmo porque, à semelhança do amor,

ela é ação. Ação a desencadear efeitos construtivos. Ação a desenvolver novas percepções, novos recursos íntimos.

E a esperança?

Também, fiquei a imaginar se a esperança não seria para o Espírito o que o instinto é para o homem, ou seja, providência divina. Nesse sentido, Emmanuel afirma, “O homem, ainda mesmo que se mergulhe na descrença ou na dúvida, na lágrima ou na dilaceração, será socorrido por Deus com a indicação do futuro”. Se formos refletir com o pensamento espírita, o homem é um Espírito encarnado, portanto, imortal e, no vai e vem das reencarnações, ele se sabe cuidado, socorrido. Senão vejamos, quando o homem se sente desesperado e busca a autodestruição, não estará ele na esperança de se livrar das dores que o assombram? Ao tirar a própria vida, o Espírito espera que sua dor se acalme. Pobre criatura, não sabe ele, então, que as dores são suas e não do corpo? Doloroso aprendizado. É quando ele se apercebe que há esperança, pois que a vida continua e as oportunidades vindouras não hão de faltar, por misericórdia do Pai.

Agora, Juliana, você se perguntou por que Jesus não enfocou a esperança? Ah, minha amiga, Jesus é a própria esperança em constante atividade. Paulo, quando escreveu aos romanos, ele explica: “Porque tudo que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito, para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança” (Rm 15:4). É o exemplo daqueles que nos precederam, dá-nos a certeza de que estamos na direção certa, é-nos mostrado o caminho porque este já está marcado, é só seguir por ele. São os sinais do Pai, rastros luminosos, impossíveis de serem ignorados.

Lembre-mo-nos de que Jesus, o exemplo vivo da fé, no sublime poema da esperança, em abrindo os braços, nos acolheu: “Vinde a mim, vós que sofreis e vos encontráreis sobrecarregados que eu vos aliviarei” (Mt 11:28).

[1] Atividade de fluidoterapia, por meio do passe magnético, que ocorre no IDE-JF às sextas-feiras, às 15h e às 18h30.

O IDEAL ENTREVISTA

Raony Benjamim

A produção de conteúdo sobre Espiritismo na internet ganhou um novo impulso por causa da pandemia de Covid-19. As formas de comunicação nesse ambiente digital são mais curtas e aceleradas. Isso se constituiu como um desafio para o meio espírita brasileiro, acostumado a longas exposições orais e presenciais.

No entanto, estão surgindo vários comunicadores espíritas que transitam com facilidade nas plataformas e atingem um público mais variado do que aquele que frequenta uma instituição espírita. É uma rede de *influencers* de todos os tipos, falando livremente sobre conceitos doutrinários e interagindo ativamente com os internautas.

Raony é uma dessas pessoas, antenado com as novas ferramentas de comunicação. Ele está à frente do perfil “Espiritismo arretado” no Instagram (@espiritismoarretado), com mais de 11 mil seguidores. É uma iniciativa muito bem-sucedida, que serve de referência para (re)pensar e (re)fazer a comunicação do Espiritismo. Se desejamos alcançar mais gente interessada em conteúdos espíritas, precisamos aprender com quem está desbravando os novos caminhos.

Confira abaixo a íntegra da entrevista que Raony gentilmente nos concedeu. E, claro, aproveita e segue o perfil dele para acompanhar os conteúdos produzidos.

Como surgiu a ideia de criar conteúdo digital sobre Espiritismo?

Lá em 2014, eu era trabalhador de um grupo de evangelização infantojuvenil na casa espírita da qual eu fazia parte. Desde aquela época, eu percebia uma grande resistência ao conteúdo espírita por parte das pessoas dentro do movimento espírita, especialmente os jovens. O motivo principal que eu percebia era a complexidade e linguagem inacessível dos conteúdos. Isso me levou a desenhar o primeiro esboço de um projeto que visava trazer conteúdo sobre Espiritismo de forma simplificada e atrativa às audiências jovens. Mas isso ficou na geladeira por seis anos [risos]. Até que, em 2020, eu decidi dar uma chance à produção de conteúdo digital e comecei um perfil no YouTube, que eventualmente migrou para os perfis no Instagram e TikTok, que existem hoje.

Por que escolheu o nome “Espiritismo arretado” para o seu perfil?

O nome do perfil no começo era só “Raony Benjamim” (meu nome), mas meu nome sempre foi meio difícil de falar [risos], então, eu tentei criar um que fosse fácil de lembrar. Depois de algumas ideias, meu marido deu a sugestão de usar um termo nordestino e aí nós tivemos a ideia do “Espiritismo Arretado”. “Arretado” é um termo amplamente usado na cultura nordestina e reflete bem o meu propósito com o perfil: trazer conteúdo de forma “arretada de bom”.

Como você consegue trabalhar conteúdos complexos em vídeos curtos?

Olha, é um desafio grande, sabe? [risos] Especialmente porque

eu tenho uma tendência a ser bastante prolixo. Mas com o tempo eu venho criando processos de produção de conteúdo que me ajudam bastante. Eu faço roteiros para os vídeos que são revisados (às vezes, várias vezes) até que o conteúdo tenha o tempo certo. Mas nem sempre funciona. Tem assuntos que não tem como falar em menos de um minuto e meio, de forma alguma [risos]. Mas, com o planejamento certo e uma boa dose de intuição da espiritualidade, vem dando certo.

Qual é a importância de uma fala mais popular e simples para abordar os temas espíritas?

O conteúdo espírita, a meu ver, tem um problema sério de acessibilidade. Desde as obras de Kardec, até mesmo livros mais novos como os de Chico Xavier e Divaldo. Apesar de terem um conteúdo incrível, justamente por terem uma linguagem complexa e inacessível, ler obras de estudo espíritas é um grande obstáculo para muitas pessoas que querem conhecer a doutrina. Diversas pessoas já me escreveram mensagens relatando que não conseguem entender livros espíritas nem mesmo com um dicionário; que não conseguem estudar as obras de Kardec porque, às vezes, leem trechos inteiros e não entendem nada. Vivemos uma época de transformações linguísticas, da necessidade de informações rápidas e de fácil compreensão. Daí a importância que eu vejo desse movimento que vem acontecendo (e sou muito feliz em participar) nas redes sociais de perfis que buscam simplificar os conteúdos espíritas.

No seu perfil, há memes, figuras cômicas e você faz uma apresentação descontraída. Acredita que isso favorece uma aproximação com o público?



O Espiritismo de uma forma mais simples (3ª edição – revisada 2014)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria



O Evangelho de uma forma mais simples (2009)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria

Com certeza! O propósito principal do perfil é trazer o conhecimento espírita às pessoas de forma leve e simplificada. Os memes, as imagens engraçadas e os vídeos de teatro são ótimas ferramentas para isso, principalmente porque eles se encaixam melhor no tipo de conteúdo que os algoritmos das redes sociais buscam entregar ao público. Para ser sincero, se dependesse de mim, eu faria apenas conteúdos explicativos [risos] porque são os que eu mais gosto de fazer. Mas eu procuro manter um balanço entre os conteúdos mais densos e os memes, e postagens que servem como esse “gancho de atenção” para as pessoas. Além disso, as pessoas se identificam bastante com os personagens dos vídeos de teatro, e é muito bom para despertar a curiosidade das pessoas pelo conteúdo espírita.

Na sua experiência, observa que seu conteúdo alcança um público mais amplo do que as pessoas que frequentam centro espírita?

Sim! Na verdade, eu tenho a impressão de que uma grande parcela das pessoas que seguem meu perfil não frequentam centros espíritas. Digo isso porque é bastante comum elas interagirem com dúvidas e relatos de vida, e a parcela de pessoas que já tiveram contato prévio com o Espiritismo ou com instituições espíritas é pequena. Isso para mim é bem positivo porque valida que meu conteúdo desperta a curiosidade de pessoas fora da “bolha” espírita.

A divulgação espírita na internet favorece a interação e a liberdade de perguntar?

Com certeza! Nosso modelo de divulgação espírita “tradicional” através de reuniões públicas impede as pessoas de expressarem suas opiniões e dúvidas. No conteúdo virtual, as pessoas podem interagir com uma liberdade que elas não teriam numa reunião pública de uma casa espírita. E nesse ambiente mais livre surge todo tipo de dúvidas, comentários e relatos. Já aconteceu de eu desviar completamente o assunto de uma *live* porque alguém me fez uma pergunta sobre um assunto muito sério, que eu não podia deixar de abordar. Em um ambiente menos interativo, essa pessoa teria levado a sua angústia para casa e talvez não tivesse uma resposta. Eu acho isso bastante positivo.

Você percebe que o advento da internet amplia a diversidade de vozes produzindo conteúdos espíritas?

Talvez amplie até demais [risos]. O advento das redes sociais favorece muito a produção de conteúdo. Qualquer pessoa pode ter sua voz ouvida e influenciar outras pessoas. Muitas dessas pessoas são estudiosas sérias da doutrina que buscam produzir conteúdo de forma responsável e sistemática. Mas infelizmente existe uma série de fenômenos que envolvem a forma como conteúdo sensacionalista e impactante (mas sem referências e critério) é

reproduzido e potencializado pelos algoritmos das redes. Muitas vezes eu vejo desinformações sendo replicadas aos milhares. É um processo preocupante, mas eu prefiro acreditar que o benefício de termos diversas vivências e visões da espiritualidade, tendo suas vozes ouvidas, vale a pena.

Você se sente mais à vontade para abordar as questões LGBTQIAP+ em seu perfil do que nas instituições tradicionais? Como teu público recebe essa temática?

Eu sinto que um dos meus propósitos com a comunicação espírita é trazer uma visão desmistificada e acolhedora sobre a vivência LGBTQIAP+. Nesse sentido, eu me sinto bastante feliz quando tenho oportunidade de falar sobre essa temática em casas espíritas. Mas, de fato, talvez pela facilidade de interação, falar sobre isso no meu perfil é bastante proveitoso; principalmente porque pessoas que, infelizmente, não se sentem acolhidas nos seus ambientes ou nas instituições das quais fazem parte (espíritas ou não), e que não estariam presentes numa palestra tradicional, podem ter acesso ao conteúdo.

Qual foi a pergunta que não te fizemos, mas que você gostaria que tivesse sido feita para você?

Na sua visão, qual é o maior desafio dos movimentos espíritas para os próximos anos?

Fique à vontade para respondê-la!

Manter-se a par das mudanças sociais e científicas que vêm ocorrendo na nossa sociedade ao longo dos anos. Infelizmente, minha percepção do movimento espírita é que ele tem tido grandes dificuldades em se manter atualizado com os discursos sociais e até mesmo com os conceitos científicos mais recentes.

Isso abre espaço para desinteresse por parte das pessoas que não se sentem acolhidas e representadas nas palestras espíritas. Mas também abre um espaço perigoso para a criação de interpretações e linhas de raciocínio incompletas, sem base doutrinária alguma, que buscam criar explicações para questões recentes. Isso é algo muito presente nas redes sociais.

Nós, enquanto movimento social e religioso, nos prendemos a uma complexidade excessiva e linguagem defasada (no sentido de termos não mais utilizados) dos livros espíritas e não percebemos o quanto isso afasta as pessoas de gerações novas.

O “envelhecimento” dos centros espíritas (em diversos sentidos) é uma grande ameaça ao movimento espírita. E é papel de nós, que fazemos parte dele, agora trabalharmos para acompanhar o ritmo do tempo.

Outros movimentos religiosos já vêm se transformando e se mantendo atrativos à juventude. E o movimento espírita precisa fazer sua parte também.



A Mediunidade de uma forma mais simples (2016)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria



Que somos nós? Um estudo da interação Espírito, corpo e ambiente (2015)

Ricardo Baesso, Geraldo Luciano Marques, Carlos Alberto Mourão Júnior, Carlos Eduardo Nogueiras, David Sérgio Gouvêa, Eliane Banhato e Lyderson Viccini

R\$ 22,00

Disponível na Livraria

O IDEAL ENTREVISTA

Sinuê Neckel Miguel

O confrade faz apontamentos sobre a gravíssima crise ecológica que afeta todo o planeta Terra. Ele dá um breve panorama da complexidade do problema e incentiva os espíritas a nos atentarmos para ideias e práticas condizentes com a situação. Sinuê é historiador de formação e estuda há muitos anos as questões ecológicas. Escreve textos, participa de eventos presenciais e virtuais abordando o colapso ambiental.

As destruições que aconteceram no Rio Grande do Sul ligaram o alerta para muitas pessoas, pois ficaram mais evidentes as consequências catastróficas do aquecimento global. Estamos de acordo com o pensamento de Ailton Krenak, ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas [1]:

“A Terra seguir seu caminho é uma possibilidade de desafiar a centralidade que o ser humano se pretende. Faz com que essa centralidade seja posta em questão. É a ideia do Antropoceno [teoria de que as ações humanas mudaram profundamente o funcionamento do planeta e que isso constituiria uma nova era geológica]. Então, se o pensamento dos seres humanos acerca da vida aqui no planeta ficou tão atomizado ao ponto de nós ameaçarmos as outras existências, a Terra pode nos deixar para trás e seguir o seu caminho. Gaia é esse organismo vivo, inteligente, e que não vai ficar subordinado a uma lógica antropocêntrica. Ele dispensa a gente. Essa compreensão parece uma ideia mágica, romântica, mas muitos cientistas consideram a Teoria de Gaia [a ideia de que a Terra é um organismo vivo] ser real. Inclusive, os eventos que estamos passando agora são indicativos de que esse organismo está reagindo. Estamos experienciando a febre do planeta.”

Confira na sequência as respostas de Sinuê para as nossas indagações.

Que relações se podem estabelecer entre a Ecologia e o Espiritismo?

É interessante observar que Espiritismo e Ecologia nasceram na mesma época, no terceiro quarto do século XIX, quando esforços científicos abrangentes passam a incorporar novos domínios, elaborando para tal novas teorias. Para além disso, o olhar atento do Espiritismo para o saber científico demanda a apreensão do conhecimento ecológico sobre as relações entre as diversas formas de vida do nosso complexo planeta. Podemos destacar, nesse particular, a necessidade de pensar ecologicamente sobre a chamada Lei de Conservação, tal como apresentada n’*O Livro dos Espíritos*, e o critério de autolimitação depreendido pelo binômio necessário/supérfluo. Usando a linguagem atual, poderíamos dizer que o critério ético do necessário possui uma dupla dimensão: social e ambiental. Esse critério parece corresponder à busca de uma forma de existência humana sobre a Terra que seja ecologicamente sustentável e socialmente justa.

Quais discussões e ações podem ser promovidas no meio espírita no enfrentamento do colapso ambiental?

Primeiramente, é fundamental abrir a discussão sobre o colapso ambiental com fundamentação científica. O diagnóstico da nossa gravíssima situação deve ser escancarado, com lucidez e objetividade,

mas sem deixar de se trabalhar o impacto emocional daí produzido. Isso não é tarefa simples. Diagnósticos rasos são mais reconfortantes, mas, por serem parcialmente falsos, não nos levarão a nenhuma resposta efetiva. Dizer a verdade é fundamental – mas, como sabemos, a verdade, por vezes, dói. Nesse caso, dizer a verdade sobre o colapso em curso é falar de morte, em nível simbólico e concreto. Nossa civilização construída ao longo dos últimos 12 mil anos está entrando em crise terminal. Estamos perdendo rapidamente o nicho climático do chamado holoceno, a época geológica na qual a agricultura floresceu e as complexas organizações estatais se desenvolveram sob um clima estável, de estações do ano previsíveis e com vastas regiões do planeta contempladas por limites de calor e frio de relativamente fácil adaptação.

A sexta extinção em massa da história do nosso planeta já está em curso, o que é chamado um tanto eufemisticamente como crise da biodiversidade. A acelerada extinção observada hoje é de uma taxa de 1000 a 10.000 acima da taxa natural. É por isso que entre 1970 e 2016 foi registrada uma brutal queda de 68% das populações estudadas de mamíferos, aves, anfíbios, répteis e peixes selvagens.

Nosso futuro climático “contratado” já nos lança para patamares catastróficos, para além do limiar de 2°C de aumento da temperatura média global. Se seguirmos no rumo do capitalismo, não tenho dúvida



Breve história de todos nós – Uma síntese do tema Evolução e Espiritismo (2014)

Ricardo Baesso, Geraldo Luciano Marques, Carlos Eduardo Nogueiras, David Sérgio Gouvêa e Lyderson Viccini

R\$ 25,00

Disponível na Livraria



Maco, o prego feliz (2013)

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria

de que não escaparemos do “cenário de altas emissões”, que nos lança para um mundo 4,4°C mais quente do que o padrão pré-industrial, podendo chegar a até 5,7°C antes mesmo do fim desse século. Isso sem contar com o risco crescente de desencadeamento de mecanismos de *feedbacks* climáticos que acelerarão e incrementarão ainda mais o aquecimento do planeta. Patamares tão altos de aquecimento tornam a agricultura em larga escala inviável e as ondas de calor letal assustadoramente abrangentes e frequentes. A continuidade do capitalismo equivale, em suma, a um mundo quase inteiramente inabitável para milhões de espécies, incluindo a nossa.

Se encaramos essa realidade de frente, fica fácil de entender que nossas ações, no meio espírita e na sociedade de um modo geral, precisam ser orientadas para a necessidade urgente de superação do capitalismo e da civilização termo-industrial, o que pode ser resumido pela expressão “capitalismo fóssil”. O capitalismo é intrinsecamente não sustentável pelo seu inescapável movimento de crescimento. Não há como atingir um estado de equilíbrio ecológico com o capitalismo. Já os combustíveis fósseis e o modelo agroalimentar capitalista globalizado são incompatíveis com o clima de que precisamos e com a manutenção da riqueza da vida existente sobre a Terra.

Nossas ações devem agir basicamente no nível do consumo e no da produção. No nível do consumo, é urgente uma enorme redução do consumo de carne bovina, do consumo de luxo (o famoso consumismo), do transporte massivo e cotidiano em automóveis e da circulação de aviões e navios. Compartilhar coisas úteis que não usamos com grande frequência, consertar ao invés de descartar e combater a obsolescência programada são formas efetivas de reduzir nosso consumo.

No nível da produção, a única saída efetiva (e não meramente paliativa) é o controle democrático dos setores mais fundamentais do processo produtivo. De um lado, esse controle democrático permite definir investimentos decisivos para nossa sobrevivência, provocando o abandono dos combustíveis fósseis e o rápido desenvolvimento e a adoção de energias renováveis. Por outro lado, é urgente organizar de modo justo e solidário o rápido decréscimo da escala material e energética da economia, reduzindo fortemente o tempo de trabalho, realocando trabalhadores e garantindo o atendimento das necessidades básicas de todos. Estabelecer prioridades de modo democrático é imperativo. Evidentemente, tudo isso implica ruptura com o capitalismo, baseado no controle privado de poucos acionistas proprietários com poder de decisão sobre a vida e a morte, sobre o nosso futuro na Terra.

O movimento espírita pode apoiar ainda ações de reflorestamento. Precisamos reflorestar o mundo em larga escala para estocar o carbono excessivo que já se encontra na atmosfera. Nas cidades, plantar árvores é uma forma de adaptação ao aquecimento já em curso, pois reduz o efeito das “ilhas de calor” urbano. Em áreas não urbanas, é preciso muito cuidado técnico para viabilizar o reflorestamento, não prejudicando biomas e garantindo a resiliência das árvores plantadas.

Finalmente, as florestas que ainda temos devem permanecer em pé. Sem a floresta amazônica, perderemos sem água, sob a seca em larga escala e com a imensidão de carbono hoje estocado a ser liberado na atmosfera. Para manter a floresta em pé, os povos indígenas devem ser apoiados na sua luta pela demarcação de terras. Eles são os guardiões do futuro da humanidade, atuando como um cordão de isolamento contra o avanço corrosivo do desmatamento.

Como o discurso de um Espiritismo apolítico implica uma postura passiva dos espíritas no que se refere à crise climática?

Por tudo que foi dito fica evidente, portanto, que não temos como atuar efetivamente sem ações políticas, isto é, ações cole-

tivamente organizadas e dirigidas para atuar no modo como vivemos socialmente. Negar ao espiritismo uma dimensão política é torná-lo inútil para fazer frente à crise climática. Precisamos agir juntos, com todas as nossas forças, para fazer dos nossos mais altos ideais de justiça, amor e liberdade algo mais do que belas palavras. O nosso tempo é o da urgência – o que implica ação decidida, organizada e efetiva.

Como a interpretação mística de regeneração planetária aliena o espírita brasileiro diante do aquecimento global e dos eventos extremos?

Infelizmente, muitos entendem de um modo bastante fantasioso a ideia de uma modificação do estágio evolutivo dos habitantes do planeta Terra. Um mundo de regeneração não é o advento mágico de uma Terra paradisíaca, por força da vontade e ação de inteligências superiores espirituais. É obra coletiva de todos nós, habitantes da Terra, encarnados e desencarnados. A expectativa de uma espécie de intervenção superior, de uma programação inevitável de um futuro redentor, é altamente perigosa em razão da postura passiva ensejada. Para uns, não há com o que se preocupar, pois algum ato divino deverá interromper qualquer processo destrutivo “no tempo certo”. Para outros, a destruição é necessária, faz parte de algum tipo de “limpeza espiritual” supostamente cirúrgica, para deixar o planeta disponível somente aos suficientemente evoluídos. Vimos o horror desse tipo de raciocínio mobilizado durante a pandemia da Covid-19. Nada muito diferente da expectativa de muitos cristãos por um apocalipse em benefício dos eleitos de Deus.

É possível construir uma teoria espírita que abarque ecologia, sistema econômico e reencarnação?

O Espiritismo tem capacidade de integrar em seu escopo e corpo teórico uma compreensão científica, política, filosófica e sociológica da Ecologia e da Economia. A reencarnação, por sua vez, é um elemento-chave do arcabouço teórico do Espiritismo. As transformações sociais e ecológicas ao longo da história humana e natural podem ser pensadas a partir da ideia de acúmulo de experiências e de realização de potencialidades por complexos processos reencarnatórios. Isso inclui o problema da teleologia, de um sentido evolutivo embutido nos seres materiais e espirituais. Sejam quais forem os meandros científicos e filosóficos de tal empreendimento teórico, seu resultado líquido parece incluir uma espécie de reencantamento da vida, da natureza e de nós mesmos enquanto seres que dela fazem parte. É imensa a potência de um sentido unificador que nos encharca e nos conecta. Se tal potencial se realizar a tempo, creio que seremos capazes de fazer a grande revolução de que precisamos.

Se encarmos a realidade de frente, lúcida e corajosamente, lado a lado, sentindo a nossa dor e a dor do mundo como aspectos de uma mesma realidade, em unidade fraternal, a tristeza e o medo deixarão de ser paralisantes depressivos, convertendo-se em motores da reação, do necessário ímpeto para a luta.

Os alicerces mais profundos do nosso atual modo de habitar a Terra estão sendo abalados. Precisamos agir como uma força coletiva para erigir um jeito novo de viver. Um jeito justo, sóbrio e amoroso, em que possamos nos conectar e nos contentar com as fontes genuínas de felicidade, que são nossas relações de afeto e de pertença ao mundo natural. O reino da competição, da ganância e do individualismo que tanto nos adocece deve dar lugar a um reino de justiça, amor e caridade.

[1] <https://www.ufrgs.br/jornal/ailton-krenak-a-terra-pode-nos-deixar-para-tras-e-seguir-o-seu-caminho/>

Percurso

Nazaré Laroca

Na viagem da vida
muitos são os traídos
pela astúcia do atalho,

Pois longa é a estrada:
travessia em ascensão,
quer queiramos ou não.

No entanto, um atalho
é detalhe secundário,
um recorte da sorte.

É preciso trilhar
a nossa estrada toda;
quer em sonhos de voo,
ou talvez entre espinhos
que atravessam o caminho.

Passageiros do eterno,
somos luzes peregrinas,
a construir céu ou inferno.



Crédito: Pixabay.

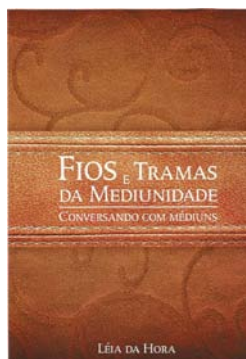


**Fios e tramas da mediunidade:
no âmbito da reunião
mediúnica (2018)**

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria



**Fios e tramas da mediunidade:
conversando com médiuns
(2012)**

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria